



EXPOMOR UNE GERAÇÕES EM DEFESA DO MUNDO RURAL



WWW.APORMOR.PT

MONTEMOR-O-NOVO CAPITAL NACIONAL DA PECUÁRIA EXTENSIVA

Os JOVENS JUNTOS PELO MUNDO RURAL

Quatro jovens partilharam a sua paixão pelo mundo rural com mais de uma centena de crianças, na tarde de 31 de agosto, na APORMOR. A iniciativa decorreu no âmbito do protocolo APORMOR Jovem com o Rugby Clube de Montemor.



“Esta é a 4ª iniciativa que a APORMOR e o RCM realizam para preparar o futuro, aproximando as crianças do mundo rural. Cerca de 500 crianças já participaram nestas atividades lúdicas e pedagógicas, que dão a conhecer o mundo rural e os seus protagonistas”, afirmou Maria do Céu Salgueiro, diretora da APORMOR, na abertura da sessão.

João Maria Reis, presidente do Rugby Clube de Montemor, clube campeão nacional da 1ª Divisão, reforçou a importância da parceria com a APORMOR nesta iniciativa ‘Os jovens juntos pelo Mundo Rural’.

O primeiro protagonista da sessão, Rodrigo Mota, de 11 anos de idade, natural de Santa Maria da Feira, é o mais novo comprador dos Leilões da APORMOR, e deixou o

seu testemunho em vídeo. Seguiu-se Luís Correia, de 10 anos de idade, natural de Évora, que negocia cortiça com o pai e deu uma verdadeira aula sobre a cortiça aos presentes na sessão.

A Carminho, jovem estudante de Medicina Veterinária, herdou a paixão pela profissão do avô e dos tios e não tem dúvidas quanto à sua opção futura: “*quero ser veterinária de animais de grande porte ...apesar de viver em Lisboa, ao fim-de-semana venho sempre para o campo*”. O Miguel estuda Engenharia Zootécnica e é jogador do Rugby Clube de Montemor. “*Vim para Montemor porque a minha família tem cá propriedades e quando escolhi a faculdade decidi vir para Évora e para o RCM, somos todos muito unidos*”, garantiu este jovem.



Mais de 100 crianças numa tarde divertida na APORMOR, com direito a passeios a cavalo e pega ao “touro”. Obrigado à Equimor e ao Grupo de Forcados de Montemor-o-Novo pelo apoio

“VOU SER NEGOCIANTE DE CORTIÇA E ESTUDAR AGRONOMIA”

A resposta sai-lhe sem hesitação à pergunta o que achas que queres ser quando fores grande? *“Não acho, tenho a certeza de que vou ser negociante de cortiça e vou estudar Agronomia”*. Luís Correia tem 10 anos, é de Évora e desde os dois que acompanha o pai, Luís Correia, nas lides da compra e da transformação da cortiça. A família tem uma fábrica de cortiça na Azaruja, e outra na região Norte. *“Gosto de ir ao campo e fazer um bom negócio e na fábrica ajudo em tudo um bocadinho, faço guias, ajudo na parte da produção”*, explica o Luís.

Ele sabe, e contou perante uma plateia cheia, sem qualquer timidez, que a campanha da cortiça começa a 15 de maio e que a cortiça só pode ser tirada no Verão, quando tem mais humidade e sai melhor da árvore. Também explicou que o sobreiro demora 25 a 30 anos até dar a primeira cortiça – a virgem –, quando a árvore tiver no mínimo 75 cm de perímetro de tronco, esta cortiça serve para triturar ou fazer artesanato; depois virá a segunda, que serve para triturar; e finalmente, a amadia, que pode dar o cheio, o delgado e o desperdício.

O Luís é um exemplo de paixão pelo Mundo Rural!



Luís Correia, compra cortiça com o pai



Rodrigo Mota participou e licitou nos leilões realizados na Expomor

O MAIS JOVEM COMPRADOR NOS LEILÕES DE BOVINOS APORMOR

Rodrigo Mota mora em Santa Maria da Feira e sempre que pode vem ao Leilão de Bovinos APORMOR, acompanhado do pai, Bruno, do tio, António, e do avô, Alberto, para comprar animais. *“À segunda-feira à noite o meu avô vai a minha casa e eu mostro-lhes no telemóvel os lotes que vão estar no leilão no dia seguinte. E como demoramos 5 horas de Santa Maria da Feira até Montemor-o-Novo, levanto-me às 4h30, durmo na carrinha, e cerca das 10h estamos no leilão”*, conta o mais jovem comprador dos leilões, acrescentando *“todas as semanas vemos os leilões online e já comprámos pela Internet. Está tudo muito bem organizado, não há leilão igual!”*.

O Rodrigo nasceu numa família de agricultores, os pais têm uma estufa de produção de plantas aromáticas e medicinais, mas é dos bovinos que ele gosta: *“saio da escola às 17h30, apanho o autocarro até casa, faço os TPC e depois ajudo o meu pai a dar de comer aos animais, a vaciná-los e também faço as guias de transporte”*.

Além de ser bom aluno na escola, está no 6º ano, o Rodrigo frequenta a escola do Futebol Clube do Porto e, claro, quando for adulto quer ser futebolista e agricultor: *“Não é a mesma coisa trabalhar com plantas e com gado, gosto mais de gado, e até já disse ao meu pai que o meu irmão mais novo vai tomar conta das plantas e eu tomo conta das vacas”*.

Parabéns, Rodrigo! Esperamos por ti nos Leilões APORMOR!



“A APORMOR ASSUME CADA VEZ MAIS UM PAPEL LIDERANTE NA DEFESA DO MUNDO RURAL”

No rescaldo da Feira da Luz-Expomor, Joaquim Capoulas, presidente da APORMOR, destaca a elevada adesão do público profissional à feira e aborda dois temas centrais: a restrição temporária das exportações de bovinos e a esperada revisão do PEPAC.



“Sabemos que a DGAV está a fazer tudo o que está ao seu alcance para levantar a restrição temporária das exportações de bovinos para Israel”, afirma Joaquim Capoulas, presidente da APORMOR, na foto ao lado de Susana Pombo, Diretora Geral de Alimentação e Veterinária, na entrega de prémios do Concurso Nacional da Raça Bovina Salers, realizado na Expomor

Que balanço faz da Feira da Luz-Expomor 2023?

Houve uma grande adesão da população à feira, das 4 portas da feira a que registou maior número de entradas foi a porta da APORMOR. Os profissionais do setor, apesar do difícil ano de seca, aderiram em massa como expositores e visitantes, e contamos com a participação das principais entidades oficiais. No Leilão de Machos Bovinos Reprodutores tivemos pela primeira vez três raças representadas – Charolês, Limousine e Aberdeen Angus –, com 30 animais a leilão, subvencionados aos nossos associados. A APORMOR assume cada vez mais um papel liderante na defesa da economia, valores e tra-

dições do Mundo Rural. Quanto à pecuária extensiva, é aqui que as melhores genéticas do país, bovina, ovina e até suína, querem estar, apesar de não receberem da nossa parte qualquer contrapartida, a não ser o bom acolhimento, porque sabem que na Expomor têm muita visibilidade. Num ano cheio de dificuldades, a Expomor foi uma pedrada no charco, um grito do Mundo Rural para dizer “estamos aqui para ajudar o país a crescer e devemos ser tratados como agentes económicos relevantes”.

As restrições às exportações de bovinos, devido à doença hemorrágica epizootica, estão a afetar os Leilões APORMOR?

A doença hemorrágica epizootica (DHE) foi detetada inicialmente em Badajoz e foram confirmados dois casos positivos do vírus em duas explorações de bovinos nos concelhos de Moura e de Barrancos. Trata-se de uma doença viral que afeta os ruminantes, em especial os bovinos e os cervídeos selvagens, com transmissão vetorial, por mosquitos. É uma doença tratável, mas pode provocar a morte dos bovinos. A DGAV estabeleceu um raio de 150 km em torno dos focos, e restringiu os movimentos de animais vivos com destino a outros Estados-Membros (ver Edital). Há um protocolo especial para exportar os animais para Israel, que obriga ao tratamento preventivo de animais, instalações e transportes com inseticida ou repelente, durante um período de 60 dias e durante um período de 60 dias as exportações estão canceladas. Estava prevista uma deslocação a Israel das autoridades veterinárias nacionais e de exportadores portugueses para tentar desbloquear a situação.

No mês de agosto, esta situação teve um grande impacto no nosso leilão, o número de animais apresentados diminuiu e os preços desceram, mas no leilão realizado a 12 de setembro os preços já melhoraram, sobretudo pela procura de animais para abastecer o mercado nacional. Segundo sabemos, há alguma falta de carne de bovino no Norte do país e, por essa razão, compradores de todas as zonas do país vieram ao nosso leilão comprar animais. Esperamos que tudo se regularize em breve.

No que respeita à revisão do PEPAC, qual é sua expectativa, tendo em conta a reunião que ocorreu entre a CAP e o Primeiro-Ministro?

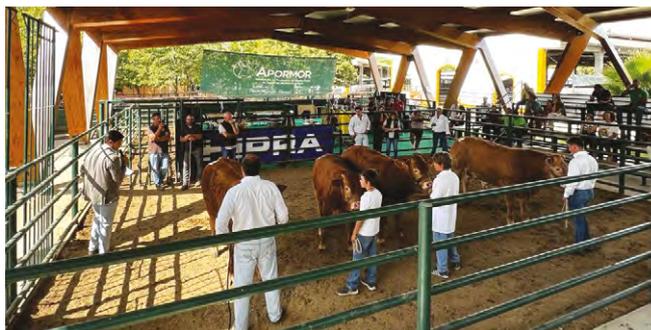
Foi prometida para setembro uma revisão do PEPAC para que os setores ligados ao sequeiro e à pecuária extensiva fossem mais bem tratados do que na atual versão do PEPAC. Há quem esteja cético, porque o setor agrícola não é uma prioridade deste Governo. Mas espero que o bom-senso impere e que o ignorar dos problemas do interior do país, que vão levar ao abandono do território e ao aumento de incêndios, se inverta. Há forças políticas a alertar para este problema, esperamos que entre na agenda do debate político nacional e nas políticas do Governo, porque Portugal não pode zelar exclusivamente pelo litoral e zonas urbanas, e esquecer o interior do país. 84% da área agrícola nacional é composta por sistemas de sequeiro que devem ser protegidos. Em Montemor-o-Novo estamos a trabalhar com a Universidade de Évora para proteger o ecossistema agro silvo pastoril do montado, no qual a pecuária extensiva tem um papel determinante na ocupação do território e sustentabilidade económica de todo o sistema.



O Leilão de Machos Bovinos Reprodutores contou com 30 animais e três raças representadas – Charolês, Limousine e Aberdeen Angus –, e os associados da APORMOR receberam subvenção de 800, 1000 ou 1250 euros na aquisição dos reprodutores



Jaime Carvalheira, Diretor da APORMOR, entrega o prémio de campeão macho no VIII Concurso Nacional da Raça Ovina Ile de France



A raça Limousine organizou na Expomor o III OPEN Machos Limousine, o Leilão de Vacas Carne Limousine Premium, e o Leilão de Reprodutores e a exposição de exemplares da raça, envolvendo 18 produtores.



Exposição de tratores no recinto na Expomor durante a feira



Concurso de presuntos organizado pela ANCPA, que também realizou na Expomor o Concurso de Melhor Alfeires e as já tradicionais Conversas de Montanheira



Apresentação da 2ª edição da revista SMEA e do site do programa Semear em Montemor-o-Novo Estratégia Alimentar





MONTADO – O ECOSSISTEMA A PROTEGER

Do campo, aos apoios públicos, o que pode ser melhorado para proteger o ecossistema agro silvo pastoril do Montado? O colóquio organizado pela APORMOR, dia 2 de setembro, no âmbito da Expomor, indicou os caminhos.

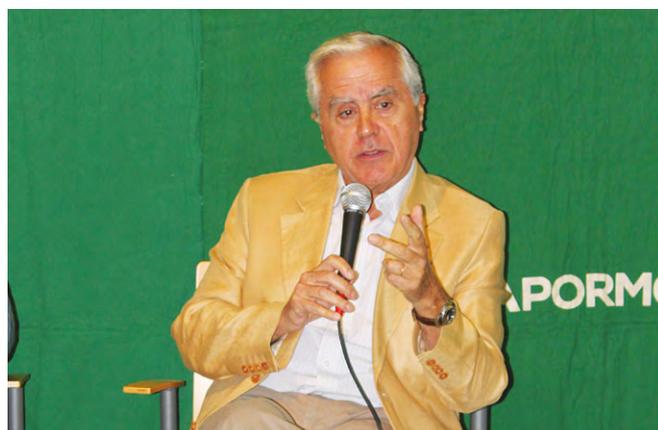
O presidente da APORMOR, Joaquim Capoulas, abriu a sessão ao lado do presidente do município de Montemor-o-Novo, Olímpio Galvão, e do presidente da CAP – Confederação dos Agricultores de Portugal, Álvaro Mendonça e Moura.

“A CAP continuará a consciencializar o Governo e a população sobre a importância da pecuária extensiva, porque dela depende uma parte da nossa soberania alimentar. Continuaremos a bater-nos pela revisão do PEPAC,

nomeadamente, por Eco regimes ligados à pecuária extensiva”, afirmou o presidente da CAP.

A Ciência tem um papel fundamental na proteção do ecossistema Montado, tal como demonstraram os três investigadores convidados para a sessão.

Isabel Brito, professora da Universidade de Évora (UEvo-ra), falou sobre microbiologia no solo do montado, alertando para a importância de os proprietários adotarem práticas agronómicas que potenciem a vida do solo, ou



“Uma palavra de apreço à APORMOR pelo trabalho que faz com os leilões de gado e todo o apoio que presta aos seus associados, é um enorme incentivo à pecuária extensiva”, disse Álvaro Mendonça e Moura, presidente da CAP



“Não podemos perder a lógica ecológica da produção agrícola”, apelou Isabel Brito, professora da Universidade de Évora



O colóquio encerrou com uma mesa-redonda moderada pelo presidente da APORMOR, com a participação do Diretor Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo, José Calado, o Secretário-geral da CAP, Luís Mira, a Deputada Sónia Ramos, e Ricardo Silva, do município de Montemor-o-Novo

seja, os milhões de micróbios que lá habitam; aconselhou ao aumento do teor de matéria orgânica, à correção da acidez dos solos e à sua não mobilização.

Um estudo da UEvora concluiu que a aplicação de calcário dolomítico nos solos do montado provocou um aumento do pH, contribuindo para a melhoria da qualidade das pastagens, por via da maior diversidade de famílias florísticas, sobretudo nas zonas fora da copa das árvores. *“Não podemos perder a lógica ecológica da produção agrícola, a resposta é a intensificação sustentável, respeitando o que existe no ecossistema natural do montado, nomeadamente os micróbios do solo, e tirando partido deles”*, apelou Isabel Brito.

Pedro Salgueiro, professor da UEvora, centrou a sua palestra na importância da biodiversidade para a resiliência do montado e dos serviços de ecossistemas que suporta. Segundo o investigador, a intensificação (da produção de gado) e a simplificação (centrar a gestão do montado numa produção específica, por exemplo, apenas a cortiça) são ameaças à biodiversidade do montado. *“O encabeçamento elevado pode ter efeito na redução de outras espécies que existem no montado, rompendo o equilíbrio do ecossistema, diminui a regeneração natural*



“O encabeçamento elevado diminui a regeneração natural do montado”, Pedro Salgueiro, professor da Universidade de Évora

do montado, o que por sua vez implica menor produção de cortiça e de bolota”, alertou Pedro Salgueiro.

Cláudia Marques dos Santos, professora do Instituto Superior de Agronomia (ISA), apresentou o projeto europeu de investigação MIXED, que tem como objetivo estudar os benefícios dos sistemas agro silvo pastoris, entre os quais o Montado, em termos de sustentabilidade, resiliência às alterações climáticas, melhor utilização dos nutrientes e biodiversidade, aumentando a eficiência das explorações agrícolas. O “MIXED – Multi-actor and transdisciplinary development of efficient and resilient MIXED farming and agroforestry-systems” é constituído por 19 parceiros, de 10 países diferentes da UE, entre os quais Portugal. Além do ISA, participam a Consulair e a APORMOR e estão envolvidos no projeto 17 produtores portugueses e 20 mil hectares de Montado. Cláudia Marques dos Santos enumerou os principais desafios identificados em Portugal: melhorar a regeneração natural e a qualidade dos solos para contrariar o declínio do Montado; material genético com fraca qualidade e muita variabilidade; conhecimento reduzido de como combater pragas e doenças.

Restauração ecológica vale créditos de carbono

Financiar a restauração ecológica da paisagem através de créditos da natureza é a proposta de João Salgueiro, fundador da start-up Nature Credits, que falou no colóquio por videoconferência. Os proprietários de terrenos agrícolas podem apresentar os seus projetos de restauração ecológica (práticas agrícolas regenerativas, visando aumento da biodiversidade e o impacto positivo no clima) na plataforma <https://www.naturecredits.com/> e receber por este serviço cerca de 100 a 200 euros por hectare/ano. O compromisso é assumido durante 1 ano. Os créditos de carbono (ou de natureza) são comprados por pessoas e empresas que se preocupam com a pegada ecológica e querem reduzir o seu impacto contribuindo de forma positiva para a natureza. A Nature Credits é o intermediário entre ambas as partes.



Cláudia Marques dos Santos, professora do Instituto Superior de Agronomia, apresentou o projeto europeu de investigação MIXED, que tem a participação da APORMOR.



6309 HECTARES DE MONTADO SERÃO APOIADOS POR RESULTADOS AMBIENTAIS

A nova medida agroambiental do PEPAC “Gestão do Montado por Resultados” gerou forte interesse, mas dos 233 proprietários e 37 mil hectares candidatos, apenas 6309 hectares vão receber apoios pelos resultados ambientais alcançados, durante 5 anos.

Solo saudável e funcional, regeneração arbórea, pastagem mediterrânica biodiversa e elementos singulares promotores de biodiversidade são os resultados ambientais pretendidos com esta nova medida que integrou o Pedido Único 2023, sob a forma de projeto-piloto.

A APORMOR faz parte do Gabinete Local de Acompanhamento (GLA) de Évora que gere as candidaturas do Sítio Natura de Monfurado, onde foram aprovados 5309 hectares de 141 proprietários. A Zona de Proteção Especial do Guadiana contou com 33 candidaturas e 1000 hectares aprovados.

“Houve muito interesse por parte dos produtores, muito mais do que estávamos à espera e do que estava previsto no orçamento. O GPP disponibilizou 3 milhões de euros para esta medida, mas, pela avaliação que fizemos das parcelas interessadas, seriam necessários cerca de 8 milhões de euros”, explica Teresa Pinto Correia, professora da Universidade de Évora, a entidade responsável pela coordenação técnico-científica da medida.

Para reduzir o número de candidatos e de área total candidata foi realizado um processo de rateio, cada produtor

só pode candidatar uma parcela e foram estabelecidos limites de área mínima e máxima: >25 ha a <50 ha, no GLA de Monfurado, e >20 ha a <50 ha, no GLA do Vale do Guadiana.

“Todas as parcelas foram avaliadas no campo e o valor a receber, este ano, corresponde ao valor que a parcela obteve no conjunto dos 10 indicadores do programa. O apoio pode aumentar nos próximos 4 anos se o produtor investir na condição ambiental do montado (no renovo, na pastagem, etc), mas também pode diminuir”, acrescenta Teresa Pinto Correia, coordenadora e mentora do projeto.

Em geral, as parcelas que integram a medida estão em boas condições ecológicas, mas não representam a globalidade do montado nacional. Por ano, perdem-se 5500 hectares de montado só no Alentejo, segundo as estimativas da Universidade de Évora. “Eu diria que o problema maior é o solo, que precisa de mais investimento para ser melhorado, e a condição da pastagem está muito relacionada com o solo”, explica a investigadora.

“A grande adesão dos produtores é muito encorajadora, espero que esta medida contribua para que pensem o montado como um sistema, que queiram submeter mais parcelas e que o apoio ao programa possa aumentar no próximo QCA”, remata.

Outras regiões do país estão interessadas em testar medidas de gestão por resultados ambientais, é o caso dos Açores e da Serra da Estrela, ambas com as suas pastagens. E também há uma intenção de projeto de investigação para estudar medidas semelhantes no olival.



No Sítio Natura de Monfurado foram aprovados 5309 hectares de 141 proprietários



Gabriela Cruz, presidente da APOSOLO, e Maria do Céu Salgueiro, diretora da APORMOR

“ESTOU NA AGRICULTURA HÁ 33 ANOS E NUNCA TIVE UM ANO TÃO COMPLICADO”

Gabriela Cruz, agricultora no concelho de Elvas e presidente da APOSOLO – Associação Portuguesa de Mobilização de Conservação do Solo, considera que a partilha de conhecimento é uma das vantagens de ser associada da APORMOR.

Gabriela Cruz é uma acérrima defensora e praticante da Agricultura de Conservação, a preservação e melhoria do solo está no centro das suas decisões como empresária agrícola e produtora pecuária. É no concelho de Elvas, que produz cereais, de sequeiro e regadio, e detém um efetivo de 160 bovinos.

“A nossa exploração agropecuária, tem montado de azinho, e está muito próxima do local onde nasce o Aqueduto da Amoreira de Elvas, por isso tem uma certa frescura do solo, que faz com que a pastagem consiga singrar e seja biodiversa, muito boa para o gado”, explica a empresária. Porém, nos últimos dois anos a seca teve consequências desastrosas: “estou na agricultura há 33 anos e nunca tive um ano tão complicado como este, o que vou colher de uma área semeada de 250 hectares é muito pouco, só uma área pequena de triticales, o restante não consigo semear porque a terra estava demasiado seca”, lamenta Gabriela Cruz. Já em 2022 esta agricultora foi obrigada a transportar diariamente 12 mil litros de água para dar de beber aos animais, porque o furo, a 160 metros de profundidade, secou.

A disponibilidade de água para as culturas e para o gado será decisiva nas opções futuras da empresária: “fizemos um projeto para abrir um furo novo que foi aprovado, temos esperança de encontrar mais água na exploração, mas não deveremos aumentar muito mais o efetivo pecuário”.

Gabriela Cruz iniciou a produção de bovinos há 10 anos, ficou com a vacada dos antigos reideiros da sua terra, uma mistura de raça Alentejana com touros Limousine não certificados, melhorou a genética, substituindo paulatinamente os touros por Limousine medalhados. “Conseguimos melhorar consideravelmente o efetivo, os bezerras que resultam dessa vacada são muito bons, mas também porque a pastagem é muito boa. Todos os seis anos compramos um touro novo para diversificar um pouco a genética”, explica.

Depois de comprovar as vantagens da sementeira direta nas culturas anuais – melhoria da estrutura e da fertilidade do solo; aumento da retenção de água no solo; redução de emissões de gases com efeito de estufa e poupança de custos em combustível –, o próximo passo de Gabriela Cruz será realizar sementeira direta nas pastagens. “O manejo do gado terá de ser diferente, temos de deixar que as plantas introduzidas germinem e se desenvolvam, de preferência que criem semente para regenerar a pastagem, vai ser uma experiência nova para mim”, conta.

Gabriela Cruz é uma nova associada da APORMOR e destaca as vantagens: “Na APORMOR aprendo sobre manejo, como introduzir uma melhor genética e a utilizar melhor a que tenho no efetivo, como gerir melhor as pastagens. Os leilões, os concursos e os eventos – Feira de Maio e Expomor – organizados pela APORMOR são uma excelente forma de aprender”.



“PRECISAMOS DA AJUDA DO CONSUMIDOR NACIONAL A EXIGIR CARNE PORTUGUESA”

João Camejo, presidente da Associação Portuguesa de Criadores de Bovinos de Raça Charolesa, encara com otimismo o futuro da produção bovina em Portugal, mas, nestes tempos difíceis, aconselha rigor nas contas e paixão no campo.

O que significa para a vossa associação o Charolês ser a raça do ano na Expomor 2023?

É uma ótima oportunidade de promoção e divulgação dos nossos criadores, animais e das qualidades da raça, do trabalho realizado pela nossa associação. A

APORMOR é o nosso principal parceiro, a sede da nossa associação está localizada em Montemor-o-Novo, nas instalações da APORMOR, é um grande privilégio poder contar com o apoio da APORMOR, a organizadora da Expomor.



“É um grande privilégio poder contar com o apoio da APORMOR”, afirma João Camejo, presidente da Associação Portuguesa de Criadores de Bovinos de Raça Charolesa, junto das duas colaboradoras da APCBRC

Em Portugal, na última década (2009-2019) o efetivo bovino aumentou 10%. E no caso da raça Charolesa?

O efetivo da raça Charolesa tem crescido de forma consecutiva há seis anos, exceto na campanha 2022-2023. Temos 1300 animais adultos inscritos no Livro Genealógico da Raça Charolesa, e 63 criadores, sediados em todo o país, desde Santa Comba Dão, a Beja e às ilhas do Pico e São Jorge, nos Açores. Em Portugal, a principal utilização do touro charolês é em cruzamentos com outras raças para produção de carne.

O que distingue a raça Charolesa das outras raças?

Os excelentes índices de conversão (IC) e de ganho médio diário (GMD) distinguem a raça Charolesa de todas as outras. A grande diversidade de tipo de animais que existe dentro da raça é única, o que permite ao criador escolher o tipo de animais que mais lhe interessa: animais pequenos e com muita carne ou animais mais altos e delgados com boas características maternas. Uma das linhas condutoras da melhoria genética da raça é manter esta diversidade, desde os animais de dupla garupa até ao animal alto e esquelético. A nossa associação tem vindo a fazer um trabalho de divulgação da facilidade de partos que atualmente constitui um importante caminho da nossa raça.

Sendo uma raça exótica, o que é que Portugal acrescenta à raça?

A criação em Portugal demonstra que o Charolês consegue viver também em condições mais adversas do que aquelas que encontra no seu país Natal – a França –, onde há pastos mais ricos, e que consegue aportar às raças autóctones um crescimento e um comportamento em engorda muito interessante.

Como estão os vossos criadores a gerir a produção perante a seca, a escassez de pastagens e o preço elevado da palha?

Tem sido um ano desafiante para os criadores, a maioria reduziu um pouco o efetivo e alguns assustaram-se e venderam todos os animais, não só devido à seca, mas também nas zonas onde se instalaram culturas de regadio e painéis fotovoltaicos. Tem havido um grande decréscimo de bovinos em Portugal nestes últimos anos.

E que conselhos dá aos produtores para manter a produção rentável?

Acima de tudo devem ter um controlo dos números (custos) bem rigoroso, a gestão económica associada à gestão produtiva, o que nem sempre acontece. E fazer com paixão, porque sem ela não é viável produzir a longo prazo.



Leilão de Machos Reprodutores da Raça Charolesa na Expomor 2023

Como vê o futuro da produção bovina em Portugal?

Vejo com otimismo para quem conseguir manter a sua casa rentável, porque com esta diminuição de efetivo o preço do vitelo vai ter de subir, e o preço da carne tem de acompanhar. Obviamente que para isso também precisamos da ajuda do consumidor nacional a exigir carne portuguesa. Portugal só produz 30% da carne que consome.

E isso depende só do consumidor ou também da forma como a carne é apresentada no ponto de venda?

Depende muito das grandes superfícies, porque estas têm uma força enorme em comunicação e marketing, que os produtores não têm, mas isso (promover a carne nacional) tem de lhes interessar e não é isso que está a acontecer.

E quais são os principais desafios para a vossa associação?

Conseguir comunicar de forma eficaz as qualidades da raça Charolesa ao maior número de pessoas possível com o objetivo de aumentar o número de criadores. Nesse sentido organizámos, durante a Expomor um curso de juízes para dar formação sobre as características morfológicas da raça, um Dia de Campo da Raça Charolesa, no Monte do Zambujal, o XVIII Concurso Morfológico Geral da Raça Charolesa, o III Leilão de Vacas de Abate da Raça Charolesa e Leilão de Machos Reprodutores da Raça Charolesa.



VARN CARNES SA

“COMPRAR NOS LEILÕES APORMOR É GARANTIA DE CARNE DE QUALIDADE”

António de Jesus, proprietário da VARN Carnes SA, compra mais de mil animais por ano nos Leilões de Bovinos APORMOR para engordar e vender a carne nos talhos do Grupo em Lisboa.



A VARN Carnes S.A. é uma empresa do Grupo Vítor e Vítor que opera no mercado de comercialização e distribuição de carnes desde 1978. Tem nove lojas de venda



Quinta de recria e engorda dos animais em Sobral de Monte Agraço

ao público na Zona da Grande Lisboa. A Agropecuária de Godeis, outra empresa do Grupo, dedica-se à recria e engorda de bovinos, em Sobral de Monte Agraço, e fornece a carne às lojas.

Uma parte considerável dos animais é adquirida na APORMOR. “Venho comprar bovinos aos leilões da APORMOR porque é uma casa que me dá garantias na qualidade e como eu seleciono os animais gosto de vir aqui comprar”, explica António de Jesus, que encontramos nos leilões durante a Expomor.

“Procuro animais de qualidade, com 5 a 7 meses de idade, com boa genética, depois engordo os animais na minha exploração, no Oeste, durante 10 a 12 meses, faço-os chegar ao matadouro e daí à minha sala de desmancha, em Loures, para transformar e pôr à venda nas minhas lojas”, acrescenta o empresário, que também é administrador de uma fábrica de rações.

“Esta forma de trabalhar, na qual acompanhamos o processo desde o prado até ao prato, permite-nos conhecer e controlar não só a genética, mas também outros fatores como a alimentação e o maneio e o resultado é simplesmente espetacular”, remata.



A carne é transformada na sala de desmancha em Loures e transportada para as nove lojas do grupo



O histórico Mercado da Praça da Figueira, em Lisboa, é uma das nove lojas da VARN Carnes SA